

Cadernos de estágio

Uma Experiência de estágio com bebês: onde está a literatura?

Ariane de Paula Freire da Silva¹
Daniela Freitas

Informações

1 ariane.p.freire@gmail.com

Como citar este texto

SILVA, A. de P. F. da; FREITAS, D. A. S. Uma experiência de estágio com bebês: onde está a literatura?. Cadernos de Estágio, v. 6, n. 2, 2024. DOI: [10.21680/2763-6488.2024v6n2ID33318](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2024v6n2ID33318).

As palavras estão presentes em nossas vidas antes mesmo do nosso nascimento. Ainda dentro da barriga de nossas mães, elas já são utilizadas para nomear, dar sentidos e significados ao mundo e a quem somos. Mal nascemos e nos deparamos com um mundo em que a palavra nos interpela de diferentes formas, seja por meio da interação da mãe com o bebê, das cantigas de ninar, ou seja por meio do som emitido por televisões, celulares e outros equipamentos tecnológicos que nos cercam. Em uma sociedade grafocêntrica como a nossa, não só a palavra oral, mas a palavra escrita tem um significado muito importante. A cultura escrita molda os



modos de desenvolvimento de um povo e ela diverge em diferentes lugares do mundo, como em sociedades que ainda tem a carta como principal meio de contato ao invés do e-mail, por exemplo. Independentemente do método utilizado, “os lugares que o escrito ocupa não são os mesmos para os diferentes sujeitos e grupos que vivem naquela sociedade” (Galvão, 2014, n.p.).

Desde criança nos vemos imersos em meio a diferentes objetos que veiculam o escrito: embalagens, placas, documentos, telas, entre uma infinidade de outros portadores. Entre os suportes do escrito, isto é, “o meio físico ou virtual que serve de base para a materialização de um texto” (Vieira, 2014, n.p.), o livro foi e continua sendo um “agente basilar da cultura e da vida social, pois transforma profundamente as pessoas e seus modos de pensar, agir e entender o mundo” (Machado; Remenche, 2017, p.159).

Muitos autores falam que o contato da criança com esse objeto cultural e com as práticas de letramento que o envolvem, assim como a criação de um vínculo afetivo com a leitura têm um papel significativo na vida do sujeito e em sua história como leitor. Todavia, perguntava-me: esse contato seria importante mesmo antes de a criança aprender a ler? Quando deveríamos introduzir o livro e a leitura para as crianças? Quem deveria fazê-lo? Em qual espaço isso deveria se dar (no lar, na escola, na biblioteca...)? Foi em busca de respostas

para perguntas como essas que comecei a rememorar minha própria trajetória como leitora, a relembrar como se construiu minha história com a literatura, a repensar minha experiência na Educação Infantil como professora em formação e a pesquisar e estudar mais sobre a temática.

O primeiro movimento, de recordar e registrar minhas memórias, permitiu que eu percebesse, conforme explica Abrahão (2011, p.172), que não se tratava “de uma narrativa pura e simples, a respeito de quaisquer fatos”, e sim da narrativa de acontecimentos que me afetam e que reverberam no papel de professora (que está concluindo a formação inicial) que ocupo hoje. À medida que evocava, narrava e refletia sobre o que me passou, pude (re)significar “imagens-lembranças/ recordações-referências para a pedagoga em formação” (Abrahão, 2011, p.165), isto é, a construir novos significados, entendimentos mais amplos e esclarecidos sobre as minhas memórias de leitura e de seus desdobramentos em minha vida pessoal e profissional.

Por outro lado, à medida que lia os textos acadêmicos, fui conhecendo e compreendendo um pouco mais sobre o universo da leitura e da literatura, e percebendo as vantagens e as potencialidades de se propiciar o contato com o livro, com a literatura e com a leitura já na primeira infância. Compreendemos a primeira infância, neste trabalho,

tal como o descrito na Lei da Primeira Infância nº 13.257, de 08 de março de 2016, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que diz, em seu artigo segundo, que a primeira infância se trata do “período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança”. No processo de escolarização, essa fase se refere à etapa da Educação Infantil. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), esta etapa está organizada em três grupos, cuja divisão se deu por faixa etária: dividido em fases: bebês (zero a 1 ano e 6 meses) e crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), que compõem a “Creche”, e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) que compõem a “Pré-escola”.

24

Assim, chamou-me a atenção os livros voltados para essa primeira fase da vida e um novo espaço cultural – as bebetecas –, isto é, espaços planejados e construídos para propiciar o acesso de bebês e crianças pequenas à leitura e aos livros (sejam literários ou não). Não porque eu, como criança, tivesse vivido a experiência de contato com os livros, mas porque percebia a partir de reflexões realizadas em minha formação como pedagoga e em minhas práticas de estágio, as potencialidades desse encontro entre a criança pequena e o livro. O que passo a apresentar é o relato do estágio curricular não obrigatório que realizei em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizado no

Bairro das Quintas, na cidade de Natal/RN, durante dois anos e como a literatura infantil e a leitura (não) atravessavam esse espaço, com o objetivo de mostrar as múltiplas possibilidades de se trabalhar a literatura para bebês.

2. Desenvolvimento

A escola na qual fiz meu estágio funcionava nos turnos matutino e vespertino e não oferecia vagas para o Berçário I (4 a 11 meses), recebia alunos apenas a partir do Berçário II. Meu estágio foi desenvolvido justamente com essas crianças, que tinham por volta de 1 ano de idade, na função de Auxiliar de Berçário II. A turma de Berçário II, na qual estagiei, tinha entre 13 a 15 alunos com idade de um ano.

As crianças, quando entravam na instituição, geralmente estavam tendo o primeiro contato com o ambiente escolar e, muitas delas, com alguns objetos da cultura letrada, tais como os livros voltados para o público da primeira infância. Por se tratar de crianças que a BNCC define na fase de crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), elas necessitavam de bastante cuidados (troca de fraldas, banho, alimentação, locomoção), pois ainda estavam em processo de construção da autonomia referente a essas ações primárias de sobrevivência e higiene.

Dessa forma, a equipe era constituída por uma professora titular e duas estagi-

árias auxiliares, pois apenas uma auxiliar não seria suficiente. As funções para as quais fui contratada eram: auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e em necessidades diárias; desenvolver atividades educacionais, culturais e recreativas conforme planejamento orientado pela professora da área; organizar atividades recreativas; auxiliar na realização de atas das reuniões; auxiliar no desenvolvimento dos alunos. Como auxiliar de sala, diariamente eu era responsável junto com a professora e a outra auxiliar por receber os alunos da sala, auxiliá-los nas alimentações, na higienização trocando fraldas, dando banhos, lavando as mãos, escovação dos dentes e etc. Auxiliava nas atividades de pintura, de colagem, atividades motoras no parque (caixa de areia) ou na sala de psicomotricidade, atividades recreativas como danças, picnics e banhos de piscina. Participava das organizações das atividades festivas da escola e também ajudava na saída dos alunos de toda escola, ficando responsável junto a outras auxiliares pela entrega das crianças aos pais. Também participava da reunião de planejamento da escola assim como todas as outras auxiliares de sala.

O estágio a que me reporto, iniciou-se no mês de outubro de 2018, o que me permitiu acompanhar a finalização daquele ano letivo. A maior parte do planejamento previsto para ser desenvolvido com as crianças já havia sido concluído,

mas pude participar de um momento de exposição das atividades, divulgado para toda a escola, em uma ação realizada todo ano pelo CMEI, no qual pude compreender melhor o percurso que aquelas crianças haviam realizado durante o ano. Nesta ação, chamada *Brincart*, eram expostos os trabalhos realizados por todas as turmas de acordo com o tema escolhido pela professora. O berçário estava trabalhando o tema bichos e as produções dos bebês (animais de papelão, desenhos pintados, colagens) foram expostas.

A exposição ocorria no refeitório da escola, já que é o local coberto com maior espaço para ser utilizado pelas professoras. As mesas e cadeiras eram retiradas e no espaço era montado painéis com TNT, utilizando barbante e grampeadores para pendurar, também se utilizava o TNT no chão, caso a professora desejasse. As professoras poderiam utilizar as mesas se assim desejassem e cada uma delas utilizava o espaço que havia sido designado para cada uma. Algo que me chamou a atenção foi o fato de trabalhos com os livros infantis não estarem presentes entre as atividades desenvolvidas e apresentadas pelo berçário já que ali estava sendo apresentado o trabalho feito durante todo o ano letivo.

Na mesma instituição, em 2019, acompanhei outra turma durante todo o ano letivo e participei de todas as atividades realizadas com as crianças. Em

2020, iniciei mais uma vez com uma nova turma do Berçário II, de forma presencial, porém, com a chegada da Pandemia do COVID-19, as aulas foram suspensas a partir do mês de março de 2020. Quando puderam retornar, já em fevereiro de 2021, as atividades passaram a ser virtuais e acabaram limitadas, para que as mães, os pais ou responsáveis pudessem se organizar para desenvolver as atividades com as crianças (selecionar o material necessário como materiais descartáveis, utensílios de cozinha, cordas, coleções, tintas, espaço adequado dentro de suas casas, tempo livre para a execução das atividades, entre outros cuidados). Enquanto estive no CMEI acompanhei, na função de estagiária auxiliar, a mesma professora que é graduada em Pedagogia, uma profissional atenciosa e que tem muito cuidado e carinho por todas as crianças da escola, não apenas do berçário.

Entre as inúmeras experiências e vivências que aconteceram no decorrer do estágio, uma que chamou minha atenção foi a ausência de práticas envolvendo a leitura e o trabalho com a leitura de livros de literatura infantil com os bebês. Isso não se devia à ausência de livros, pois havia livros infantis em vários espaços da escola. Na sala do berçário, por exemplo, tinha um cantinho reservado para os livros, no qual estavam pendurados na parede. Geralmente, eram livros de tecido e de plástico. Alguns livros de materiais plásticos fica-

vam juntos com os demais brinquedos que eram pouco utilizados pelas crianças. Já os livros de papel eram disponibilizados dentro de uma cesta, colocada no chão da sala, teoricamente, ao alcance das crianças, porque, de modo geral, elas eram impedidas de tocá-los para que não fossem rasgados. Apesar de haver livros espalhados por toda a sala, durante todo o meu estágio, que durou dois anos, a professora não utilizou os livros para trabalhar a leitura com as crianças, ou despertar o interesse delas para as histórias literárias, o que muito me instigava, até mesmo por haver um direcionamento para esse trabalho nos documentos oficiais.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (DCNEI), por exemplo, mostram que a Educação Infantil deve promover a relação e a interação das crianças com diversificadas manifestações artísticas, tais como “música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura”. Já a BNCC, no campo de experiência Escuta, fala, pensamento e imaginação, traz que promover experiências para que a criança fale e escute (como o que ocorre durante a contação de história ou a leitura coletiva de um livro) é fundamental, pois desempenha um importante papel no desenvolvimento infantil. A BNCC também traz que: “As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem

para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo” (Brasil, 2017, p.42). Assim, proporcionar vivências diversas com este objeto cultural, o livro de literatura infantil, promover práticas de leitura literária com os bebês, favorece o desenvolvimento de habilidades, experiências e conhecimentos relevantes no campo da linguagem.

27 A professora sempre trabalhava com atividades que envolviam outras linguagens artísticas, como música e dança e as crianças costumavam se divertir bastante enquanto aprendiam. Dentre essas linguagens, destaca-se o trabalho manual com materiais recicláveis: como CD, rolos de papel higiênico, papelão, etc. Havia uma presença bem marcante da oralidade, da literatura oral, que pode ser definida como “um conjunto de textos em prosa e verso transmitidos oralmente (contos, lendas, mitos, adivinhações, provérbios, parlendas, cantos) e que se apresentam de modo diferente do falar cotidiano” (Souza, 2014, n.p.). O tema que foi trabalhado durante todo o ano letivo de 2019 pelo berçário da manhã e da tarde foi “Cantigas de roda: a música que me move me faz cantar”. O projeto era desenvolvido com as turmas da manhã e da tarde. Cada professora e suas auxiliares trabalhavam com as crianças esse tema da forma que desejavam.

Durante o ano letivo, a professora

que acompanhei preparava atividades de pintura e de colagem, baseadas em alguma música escolhida previamente por ela. A atividade começava depois do café da manhã, durante a roda, ocasião em que a professora cantava a música escolhida e falava com as crianças sobre a atividade que seria feita no dia, demonstrando para elas como seria desenvolvida a sequência de atividades a partir da canção. Em algumas ocasiões era utilizado a TV, em que era exibido um vídeo com a música para as crianças. Em seguida, partia-se para a execução da atividade, na sala de aula, na mesa do berçário no refeitório, principalmente se fosse atividade com tinta para que as crianças ficassem mais livres e mais à vontade para poder realizar as pinturas.

Essas atividades lúdicas sempre estavam presentes durante as aulas, mas os livros infantis e a literatura nunca fizeram parte delas e, portanto, não faziam parte do interesse das crianças. Isso me surpreendia, pois o ambiente escolar é um espaço essencial para que os bebês tenham contato com os livros, através das leituras, mas também por meio de práticas de leitura, organizadas pelas professoras. O acesso ao livro infantil e a uma mediação bem planejada pelo docente, permite que a criança adentre no universo ficcional (no caso de livros literários) e descubra novas formas de ver e apreender o mundo em que está inserida. A contação de história, por

exemplo, de acordo com Grossi (2014, n.p.), “desperta o interesse dos alunos e estimula o desejo pela leitura de livros literários”, contribuindo “para a permanência do gosto pela literatura para além da infância”. Por meio da forma como uma história é contada, que se diferente da leitura, o contador pode surpreender, divertir, provocar as mais diferentes emoções e ações (medo, riso, assombro...) nas crianças, propiciando que vivenciem “experiências significativas e duradouras” (Grossi, 2014, n.p.).

28 Geralmente, os livros voltados para o público infantil são produzidos de forma que as crianças consigam interagir com seus textos e/ou imagens, produzindo significados. Permitem também que as crianças façam novas aprendizagens, conheçam outros universos e experienciem diferentes situações, o que talvez não aconteceria até o encontro com aquele livro. Os diversos tipos e projetos de livros infantis também instigam diferentes modos de leitura, que podem acontecer “bem antes e muito além da alfabetização ou da efetiva apropriação do código escrito” (Brandão, 2014, n.p.), e com a mediação de outra pessoa ou por meio do contato direto da criança com o livro. Esse contato, seja ele mediado ou não, pode proporcionar momentos divertidos e prazerosos para a criança e para quem compartilha com ela a leitura, se for o caso, além de contribuir para aproximar os futuros leitores da cultura letrada, na qual todos somos inseridos,

mesmo antes de saberem ler e escrever.

Percebi que havia uma especificidade nos livros voltados para bebês e para crianças bem pequenas. Seus diferentes materiais, texturas, imagens, enredos, formas e cores me encantaram. Todos os elementos que formam essa categoria de livro são com foco na criança, isto é, estão voltados para que a criança seja atraída e possa interagir com este material produzido para elas. Grande parte dos livros produzidos para a primeira infância buscam também estimular o desenvolvimento das crianças. Há livros que são até classificados de acordo com a faixa etária a qual se destinam e que são produzidos levando-se em consideração as especificidades de cada idade.

Dentre o conjunto de livros voltados para a primeira infância, os livros para bebês apresentam uma enorme variedade: encontramos livros de tecido, de plástico, de madeira, de papelão, entre outros inúmeros materiais. As temáticas também são diversificadas. Cabe aqui mencionar que entre os livros infantis, há os literários que buscam atrair o interesse do seu público através principalmente de suas histórias, mas que os livros infantis vão muito além do conteúdo escrito. Assim, além de uma infinidade de livros com histórias literárias, há principalmente nesse universo de livros voltados para a primeira infância, livros que pretendem apresentar determinados assuntos para as crianças: números, letras, animais, cores, frutas,

objetos, entre outros.

Há também livros criados para serem usados durante a rotina da criança pequena, como os livros para a hora do banho ou para a hora de dormir. Enfim, há uma diversidade de livros voltados para esse público específico: livro de pano, livro de banho, cartonado, com abas, livro com recursos sonoros, táteis, visuais e os livros-brinquedos. Conforme Paiva (2014, n.p.) esclarece, trata-se de “um gênero com expressividade e estrutura que representa uma nova perspectiva sobre livros infantojuvenis interativos, criados para entreter seus leitores e levá-los à ação a partir de jogos ou da leitura visomotora e verbo-sensorial”. A diversidade desses objetos permite inúmeras possibilidades de experiências e aprendizagens para os pequenos.

Durante meu tempo como estagiária, os livros funcionavam ora como decoração, em que eram pregados com fita na parede em um determinado período do ano letivo; ora como brinquedo, na hora do brinquedo livre, quando as crianças podiam ter acesso aos livros de plástico e de tecidos para fazerem o que desejassem. Pude então observar que nenhuma delas brincava de ler, em um gesto de imitação da prática social que envolve a leitura de um livro. Tampouco explorava os livros-brinquedos, o que, na “prática pedagógica, aliado ao letramento literário”, como Paiva (2014, n.p.) nos esclarece “pode incentivar o gosto pelos livros, fomentar a aprecia-

ção e estimular a leitura antes mesmo da alfabetização, porque leva a criança a relativizar o que sente e entende da obra, pela acessibilidade a suas formas de escritas, jogos cognitivos e motores”. Quando tinham acesso aos livros, eles eram utilizados como qualquer outro brinquedo: arremessados, chutados, empilhados e logo deixados de lado quando se acabava o interesse.

Além do cantinho de livros no berçário, a escola disponibilizava um espaço coletivo que era dividido em três ambientes: sala de vídeo, espaço de psicomotricidade e espaço da leitura. A sala de vídeo (equipada com cadeiras, TV com entrada para USB e aparelho de DVD) era bastante utilizada, principalmente pelas turmas dos outros níveis, que tinham crianças de 2 a 5 anos de idade. No ano de 2019, a turma que acompanhei utilizou esse espaço por meses, pois chuvas fortes fizeram parte do teto da sala do berçário cair. Assim, as crianças ficaram limitadas apenas a esse espaço adaptado, onde alguns brinquedos e colchonetes do berçário foram colocados para melhor conforto dos bebês. O espaço de psicomotricidade, local que crianças do berçário frequentavam com maior assiduidade, era todo forrado com colchonetes. Havia espalhado pelo local, rolos, palitos, formas geométricas e até um jacaré de espuma, almofadas, desenhos pintados na parede, uma bola grande. Além de estimular o desenvolvimento da psicomotricida-

de dos bebês, esse espaço era bastante utilizado também de forma livre, para que as crianças pudessem brincar à vontade nos dias em que não iam brincar ao ar livre. Por fim, havia o espaço para leitura, que era bem organizado e aconchegante, com tatames, almofadas, bancos adequados para o tamanho das crianças, diversos acessórios (como fantoches, fantasias...) e estantes com muitos livros infantis.

No período em que estive na escola, esses livros nunca foram utilizados pelas turmas que acompanhei nesse espaço, tampouco retirados e levados para a sala do berçário. Mesmo tendo uma professora responsável por esse local e pelas atividades lá desenvolvidas, nenhuma atividade foi planejada e executada explorando-se o ambiente, os livros, as possibilidades desse espaço de leitura. Os livros que ali estavam ficavam guardados fora do alcance das crianças. Acredito que, por em todas as salas da escola haver espaço com livros, os que ficavam naquele local não circulavam, ficando até com um cheiro um pouco desagradável que somente livros que estão parados a muitos anos ficam.

3. Considerações Finais

A indiferença com relação aos livros de literatura infantil, a ausência de práticas pedagógicas que estimulassem a leitura, a não utilização do pequeno espaço da sala do berçário com alguns livros, assim como do espaço de leitura, levaram-me a fazer uma série de ques-

tões: Por que, mesmo com tantos livros voltados para as crianças da primeira infância, eles não eram lidos e manuseados como um objeto da cultura escrita? Por que o cantinho de leitura, tão bem organizado, não era frequentado e usufruído? Por que a professora do berçário não trabalhava os livros com os bebês, tampouco incluía práticas pedagógicas com a literatura em seu planejamento? Ela desconheceria a importância de se introduzir a leitura e a literatura infantil desde a primeira infância? Se houvesse um espaço planejado para o contato das crianças com os livros (como as bebetecas) haveria uma maior presença da literatura? Questões como essas sempre perpassavam pela minha cabeça e foram ainda mais aguçadas quando, durante o curso de Pedagogia, cursei os componentes de Teoria e Prática da Literatura I e II.

Esses componentes ampliaram minha compreensão sobre a importância do trabalho com os livros, principalmente com a literatura infantil. Foi ao cursar esses componentes que pude compreender um pouco mais sobre a história da literatura infantil, que ela surgiu nos primórdios do século XVIII com um propósito formador, por meio da qual valores sociais eram ensinados e reforçados às crianças e que, com o passar dos anos, passou a ter outras funções. Pude compreender que os livros voltados para as crianças, atualmente, não só visam ensinar comportamentos, tratam de temas

de interesses desses pequenos leitores e de temas em pauta em nossa sociedade, como a inclusão, o racismo, entre outros que auxiliam a criança a pensar o mundo e os sujeitos. É no contato com a literatura infantil que as crianças têm acesso aos mais diversos gêneros literários, tais como: “fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, mitos, lendas, adaptações de grandes clássicos da literatura mundial, parlendas, trava-línguas, adivinhas, além de textos autorais narrativos e poéticos” (Brasil, s.d.).

Permitiram-me aprender sobre como a leitura literária traz significações para as crianças; oportuniza as aprendizagens de leitura e de escrita; propicia o conhecimento de sua e de outras culturas e histórias; contribui para o reconhecimento e a formação de suas identidades (histórias que foram silenciadas, por exemplo, podiam ser reescritas e recontadas por meio da literatura infantil), entre outros aspectos. Pude compreender como a leitura de livros literários é capaz de provocar emoções diversificadas, estimular aprendizagens significativas para além do espaço da sala de aula e, principalmente, são capazes de divertir e tornar os momentos prazerosos. Isto é, a literatura infantil pode ser compreendida como a porta de entrada para o universo da leitura:

As palavras são portas e janelas. Se debruçarmos e reparamos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancarmos as portas, o enredo do universo nos visita.

Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com clareza do já decifrado. Escrever é dividir-se. Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida (Bartolomeu Campos de Queirós, 1999, p.23).

As leituras e discussões realizadas durante os dois componentes me auxiliaram a compreender que infância e literatura caminham juntas, que o papel do livro nessa etapa da vida das crianças permite aprendizagens duradouras. Foi ao cursá-las que também fui percebendo a importância da introdução dos livros, desde a primeira infância, como algo essencial para o desenvolvimento da criança no processo de escolarização e que o contato com a literatura infantil desde cedo configura-se como uma ferramenta importante para a formação de leitores autônomos.

Fui compreender que a literatura infantil contribui bastante para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois, para além de apresentar novos conhecimentos, contribui para a aquisição de novas aprendizagens. Além da diversão para o leitor, ela permite que o imaginário seja exercitado, por meio de diferentes enredos, formas de escrita e histórias diversas, o que possibilita em cada leitor/ouvinte sensações diferenciadas. Dessa maneira, a criança pequena, frente a essa possibilidade de inserção no mundo da leitura, constroi o hábito de

aprender com o livro antes de aprender a fazer com autonomia a leitura propriamente dita. O desenvolvimento dessa relação com o livro torna-se importante em uma sociedade como a nossa, centrada na escrita. Na nossa sociedade, a leitura tem um grande papel para um bom desempenho em meio ao convívio social, pois o indivíduo faz uso da leitura em praticamente todo momento e em todo lugar. Minha curiosidade em observar e vivenciar práticas pedagógicas que valorizassem a literatura infantil e promovessem a formação do leitor literário foi aumentando e passei a olhar para o estágio que cursava na Educação Infantil, indagando em que medida isso (não) acontecia. Após a finalização deste estágio, sigo com a certeza da importância do trabalho com o livro infantil e com a literatura infantil com bebês e com crianças bem pequenas e com muita vontade de, ao me formar, poder mediar este trabalho na Educação Infantil e, quem sabe, criar pequenas bebetecas nas escolas pelas quais passar.

Referências

- BRANDÃO, Heliana Maria Brina. Modos de Ler na Infância. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores/ Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/modos-de-ler-na-infancia>. Acesso em: 20 de novembro de 2022
- BRASIL. **Literatura Infantil: reflexões e práticas**. Base Nacional Comum Curricular. s.d. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/203-literatura-infantil-reflexoes-e-praticas?highlight=WyJmb3JtYVx1MDBlN1x1MDBlM28iLCJkZSIsImxlaXRvciIsImZvcmlhXHUwMGU3XHUwMGUzbyBkZSIsImZvcmlhY2FvIGRIIGxlaXRvciIsImRlIGxlaXRvciJd>. Acesso em: 25 de novembro de 2022.
- BRASIL. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 26 de novembro de 2022
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Cultura escrita. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores/ Isabel Cristina Alves da

Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/cultura-escrita>. Acesso em: 20 de novembro de 2022

GROSSI, Maria Elisa de Araújo. Contação de histórias. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores/ Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/contacao-de-historias>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

MACHADO, Paulo Henrique; REMENCHÉ, Maria de Lourdes Rossi. **Leitura e produção do livro de literatura infantil do analógico ao digital**. Travessias, ISSN-e 1982-5935, Vol. 11, Nº. 3, 2017, págs. 158-177. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8093238>. Acesso em : 27 de junho de 2023

MENNA BARRETO ABRAHÃO, Maria Helena. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações referências para a pedagoga em formação. **Educação**, [em linha]. 2011, 34(2), 165-172 [acesso em 4

jul. 2023]. ISSN: 0101-465X. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84819058006>>.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. Livro brinquedo. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores/ Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/livro-brinquedo>. Acesso em: 20 de novembro de 2022

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (orgs.). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 23-24.

SOUZA, Josiley Francisco de. Literatura Oral. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores/ Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/literatura-oral>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

VIEIRA, Martha Lourenço. Suportes

da escrita. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores/ Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/suportes-da-escrita>>. Acesso em: 28 de junho de 2023